

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

A PEDAGOGIA DAS REPRESENTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS DA HISTÓRIA E OS TRABALHADORES NA EXPERIÊNCIA DA URSS E DA ALEMANHA

Jorge Nóvoa*

UFBA

*A Pierre BROUÉ, um dos maiores historiadores
do socialismo do século XX,
morto em 26 de julho de 2005.*

O cinema é um sistema de linguagem pictórica. É o mais complexo sistema de comunicação que o homem já inventou. Ele é tão completo que extrai sua fascinação absoluta da capacidade de dar ao seu público a ilusão de realidade. O cinema representa, reflete, registra, comunica, explica e induz a ação. Há mais de 22 mil anos utilizamos imagens e há mais de um século viu-se o casamento do cinema com a história. No entanto, somente nos anos sessenta do século XX começou a se afirmar uma nova concepção entre os historiadores admitindo tratar as representações realizadas pelos filmes como passíveis

Professor do Departamento de História e Pós-Graduação em História e Ciências Sociais, Coordenador da Oficina Cinema-História da Universidade Federal da Bahia e editor da revista O Olho da História (<http://www.oohodahistoria.ufba.br>)

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

de utilização pelo historiador. Na França, no campo da historiografia, este movimento foi liderado por Marc Ferro que se afirma numa conjuntura de renovação geral, científico e culturalmente. Como o Neo-realismo italiano ou o Cinema Novo brasileiro, a *Nouvelle Vague* também ajuda a dotar o cinema, já não mais apenas como fonte de divertimento, mas como expressão artística completa. Esses movimentos todos e seus interesses pela vida, pelo drama humano, social e, portanto, pela história, teve reflexos importantes para o métier do historiador. Afirmaram a necessidade de o historiador observar as narrativas cinematográficas consagradas aos problemas históricos, especialmente aqueles do século XX. Portanto, a relação cinema-história pôde a partir dos anos 60 do século passado adentrar os recintos das universidades. Conseguiu abrir brechas definitivas nas fortalezas bem fortificadas das academias como bem poderia dizer Georges Haupt¹ um outro grande historiador francês da contemporaneidade para quem o trabalho e as lutas sociais se aliaram como preocupação das questões ligadas à educação e à conscientização.

Mas é verdade que quando Ferro nos anos 60 do século passado começou a elaborar suas reflexões sobre a relação cinema-história, ele havia sido precedido por outro grande pesquisador, digamos, da sociologia e da psicologia da história através do cinema. Trata-se de Siegfried Kracauer de quem conhecemos muito pouco no Brasil, mas que foi um dos importantes pensadores “marginais” do exílio judaico do III Reich, próximo de Fritz Lang, Ernst Bloch, Georg Simmel, Walter Benjamin, Theodor W. Adorno². Já em 1946 se referindo à sua célebre obra no Prefácio da mesma, disse:

O objetivo deste livro não é analisar os filmes alemães em si. Na realidade, ele visa a ampliar, de um modo específico, nosso conhecimento sobre a Alemanha pré-Hitler.

(...) através de uma análise dos filmes alemães, pode-se expor as profundas tendências psicológicas predominantes na Alemanha de 1918 a 1933, tendências

¹ HAUPT, Georges. *L'historien et le mouvement social*. Paris, Maspero, 1980

² TRAVERSO, Enzo. *Siegfried Kracauer: itinéraire d'un intellectuel nômade*. Paris, Découverte, 1994.

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

psicológicas que influenciaram o curso dos acontecimentos no período de tempo acima mencionado e que terão de ser levadas em consideração na era pós-Hitler.

Tenho razões para acreditar que o uso aqui feito dos filmes como um meio de pesquisa pode ser proveitosamente estendido aos estudos sobre o atual comportamento das massas nos Estados Unidos e em outros países. Também acredito que estudos deste tipo podem ajudar na elaboração de filmes – sem falar nos outros meios de comunicação – que irão colocar em prática os objetivos culturais das Nações Unidas³.

Bem que ele poderia ter dito objetivos ético-pedagógicos. Apesar das ilusões que deposita, como muitos na sua época, nas Nações Unidas, Kracauer consegue, provavelmente pela primeira vez de modo sistemático e longo, tratar as películas alemãs da primeira metade do século XX como fontes (objeto, discurso, representação, lugar de memória) de conhecimento sobre a história. Usa o que hoje chamamos a transdisciplinaridade. Preocupou-se com a história, com as causas de um fenômeno histórico e para sua explicação busca fundir múltiplas abordagens. À história e à sociologia ele não pode privar a psicanálise. Mas faz isto tendo em mente, não apenas a curiosidade científica. A partir dos problemas de sua época e da Alemanha, de modo comparativo com o que se passava em outros espaços nacionais, ele procura dar uma explicação ao fenômeno do nazismo. Intui a posteriori que tal pesquisa pode ser proveitosamente estendida aos estudos sobre o atual comportamento das massas nos Estados Unidos e em outros países. Sua “ciência” não é destituída de desejo prático, transformativo, numa palavra, **pedagógico**. Como Marx e como Nietzsche abomina o culto reacionário do passado e a mentalidade cientificista e racionalista, especialmente alemã, do final do século XIX instituída na ciência histórica pelo positivismo rankiano⁴. Sua perspectiva de combate ao cientificismo sem renunciar à utilidade da ciência histórica será inteiramente abandonada

³ KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988. p.7

⁴ NIETZSCHE, Friedrich. Da utilidade e desvantagens da História para a vida. In: _____ *A filosofia na época trágica dos gregos*. Obras incompletas. São Paulo, Nova Cultural, 1999.

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

pelas correntes historiográficas e sociológicas estruturalistas e pós-estruturalistas, chegando ao paroxismo nas correntes pós-modernistas⁵. Com uma espécie de agnosticismo do conhecimento não acreditam que seja possível dotar tais disciplinas de um caráter científico⁶.

Kracauer quer ajudar a difundir uma consciência histórica crítica. Já imagina que os discursos históricos através de filmes ou outras mídias podem servir ao objetivo de construir um mundo melhor. O cinema passa a ser visto também, como um modelador de mentalidades, sentimentos e emoções de milhões de indivíduos, de anônimos “agentes” históricos mais ou menos inconscientes. Kracauer, tanto quanto Ferro, pensa o cinema de todos os quadrantes, também, como um agente pedagógico, difusor de idéias, agente histórico, portanto, além de representação e documento do real.

A “ESCRITA” DA HISTÓRIA DO SÉCULO XX POR SUA CINEMATOGRAFIA: CONSCIÊNCIA, MANIPULAÇÃO E IDEOLOGIA.

Em vários documentários sobre o início do século XX aparecem os festejos dos 300 anos da dinastia dos Romanov. Foram das primeiras tentativas de registrar eventos através de películas cinematográficas. A Primeira Grande Guerra Mundial exacerbou tal prática com objetivo de manipulação das consciências nacionais e dos trabalhadores. Tratava-se, claro, de uma pedagogia propagandística. A documentação visual, oriunda desse evento visava possibilitar as discussões acaloradas dos "magníficos e heróicos senhores generais" em seus confortáveis gabinetes. Os filmes permitiam o estudo dos efeitos produzidos pelo

⁵ NÓVOA, Jorge. A ciência histórica e os pensadores ou a razão poética como pensamento orgânico-crítico: elementos para a reconstrução do paradigma historiográfico. In: *Politeia: história e sociedade*. Revista do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – v.4 n.1(2004). Vitória da Conquista, Bahia, Edições UESB, 2004. pp. 13-66.

⁶ WOOD, Ellen. M. e FOSTER, J. B. *Em defesa da História: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

arsenal de guerra nas trincheiras adversárias e para exibir o "noticiário" na retaguarda, junto à nação e aos seus aliados, alimentando os narcisismos nacionalistas. Facilitavam também o conhecimento das armas dos inimigos. Mas esta prática é, portanto e, sobretudo de caráter manipulatória.

Desde cedo ficou visível a excelência da cinematografia como meio para manipular e dominar as consciências! As “evidências” do real-histórico podiam assim, ser “modificadas” dando sempre a impressão de fidedignidade. E, desse modo, a realidade da ficção ou do documentário nem sempre coincide objetivamente com o processo histórico que pretende traduzir ou representar, nem seus autores têm sempre a intenção de contar a verdade. As imagens cinemáticas revelam e mentem. Mas também revelam quando metem, deformam, manipulam e causam estranhamento e alienação. As variações de objetivo e, em certa medida de alcance técnico, são também condicionadas social e historicamente. A realidade-ficção do cinema induz ou promove assim, leituras e interpretações das camadas sociais que, direta ou indiretamente, controlam os meios de produção de imagens e do imaginário, mas também da ideologia que condiciona por sua vez, as mentalidades. A arte na época da sua reprodutibilidade técnica⁷ e a afirmação de diversas mídias ao longo do século XX transformou-o naquele da imagem, sobretudo a sonora e em movimento. A eficácia de tais instrumentos dotou as classes dominantes de sistema extraordinários de difusão de substância ideológica homogeneizadora da dominação criando também aquilo que Adorno e Horkheimer denominaram conceitualmente de **indústria cultural**⁸. Vê-se, por conseguinte, a exacerbação de tais potencialidades alimentando as “fantasias” das camadas dominantes do capital no mundo, a ponto de se usar, de mais a mais, meios

⁷ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1994. pp165-196

⁸ ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filósofos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985. pp 113-156

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

científicos em todo o planeta já não mais com o objetivo da construção de um consenso, mas da ampliação do "pensamento único".

Portanto, para além da importância do cinema-divertimento ou do cinema-arte e da mesma forma, do cinema-documentário como laboratório para a investigação do historiador, é preciso examinar a fundo os filmes também como práxis pedagógica (voluntária ou involuntária) formadora das grandes massas da população trabalhadora. Mas, presta bem atenção: no momento em que “molda” mais ou menos conscientemente as mentalidades e o imaginário, eles expressam e possibilitam a revelação também dos elementos contraditórios da realidade histórica. Para o bem e para o mal, as películas formam consciências. O impacto avassalador da televisão, do videocassete, do dvd, enfim, dos multimeios, precisam ser observadas também dessa perspectiva.

Ferro adotará uma atitude mais distanciada que a de Kracauer, talvez, acerca da possibilidade das narrativas históricas, dos discursos históricos e das representações dos processos históricos poderem condicionar a história numa determinada direção de modo tão claramente identificável e consciente. Mas ele - que muito jovem experimentou o engajamento quando aderiu aos 16 anos aos grupos de jovens que lutaram contra a ocupação alemã da França⁹, não se desfez da convicção de que as narrativas, os discursos e as representações eram também agentes históricos e, portanto, moldam, em alguma medida, o curso do processo histórico através da “conscientização” dos homens. Logo na abertura do seu *Como se conta a história às crianças em todo o mundo* ele afirma o seguinte:

Não nos enganemos: a imagem que temos dos outros povos, ou de nós mesmos, está associada à História que nos contaram quando éramos crianças. Ela nos marca por toda a existência. Sobre essa representação que é também para cada um uma descoberta do mundo, do passado das sociedades, se agregam em seguida opiniões, idéias fugidias ou duráveis,

⁹ Ver suas memórias no filme *La passion pour l'histoire*. Trata-se de uma pequena entrevista biográfica e memorialista realizada por ex-alunos de Marc Ferro, onde ele rememora episódios importantes de sua vida como, por exemplo, seu engajamento no *maquis* e sua experiência como Professor na Argélia.

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

como um amor..., enquanto permanecem indelévels, os vestígios de nossas primeiras curiosidades, de nossas primeiras emoções.

São essas pegadas que precisamos conhecer ou reencontrar, as nossas, as dos outros, em Trinidad como em Moscou ou em Yokohama¹⁰.

As visões, o olhar que destinamos ao outro, a um outro país, pode ser também aquele que dirigimos ao “inimigo” de classe e nem sempre é uma visão consciente, lúcida de todas as suas conseqüências. Ferro fala em várias de suas obras no **conteúdo latente** das obras analisadas, fazendo de modo intuitivo alusão a Freud. No seu *Cinema-História* nos dá um exemplo clássico de como inconscientemente “a verdade” latente pode se revelar ao olhar clínico que sobre os documentos dirigimos, sejam eles escritos ou de outro tipo. Aqui o documento é um filme:

O que é evidente para os documentos ou para os jornais de atualidades, não é menos verdade para a ficção. O inesperado, o involuntário pode ser grande. Em A vida num subsolo, filme de 1925, um casal consulta um calendário mural para calcular a data na qual nascerá a criança esperada. Tal calendário, de tipo muito corrente, assinala a data de 1924; mas ele acha-se desde então ornado por um grande retrato de Stalin...¹¹

Anacronismo, erro? Nada de muito especial, se pensarmos que se tratava de um filme destinado à difusão para o grande público. Mas é exatamente aí que reside a questão. O “inocente” cineasta de modo sub-reptício, provavelmente fruto de um lapso que ele mesmo não percebia, difunde a idéia de que Stalin já era o grande dirigente da URSS desde então, quando seu poder só se consolida definitivamente em 1929. Em 1926 todos os descontentes, da velha-guarda bolchevique e dos outros partidos também, contestam ainda abertamente o totalitarismo burocrático implementado por Stalin e seus servidores. É claro que a camada burocratizada que se cristalizou em torno de Stalin não apareceu da noite

¹⁰ FERRO, Marc. *Comment on raconte l'histoire aux enfants à travers le monde entier*. Paris, Payot, 1986. p.7

¹¹ FERRO, Marc. *Cinema-Histoire*. Paris, Gallimard, 1993. p. 42

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

para o dia¹². Foi um longo processo que se iniciou mesmo antes da Revolução de Outubro de 1917. Stalin nos meses que precedem imediatamente a tomada do poder, se alia a Kamenev, dentre outros, implementando de modo totalmente contrário à política do então Partido Bolchevique sob a direção de Lenin que defendia uma ruptura clara em relação ao Governo Provisório dirigido por Kerensky. A posição defendida por Lenin ficou cristalizada nas célebres *Teses de abril*. Esta foi também a posição de outros como Chliapnikov, Zaloutsky, Molotov e Kollontai que, como Trotsky, prefere uma política baseado no apoio ao movimento de massas que se choca contra a direção do Governo Provisório e contra o próprio Partido Bolchevique antes da chegada de Lenin e de Trotsky do exílio. O povo defendia o fim da guerra através das reivindicações concentradas na palavra de ordem Pão, Paz e Trabalho. Contrariamente, o Governo de Kerensky queria prolongar os esforços de guerra contra a Alemanha¹³.

Estas divergências entre Stalin e Lenin desde antes de outubro de 1917, não aparecem, por exemplo, na película do grande cineasta soviético que irá sofrer tanto das perseguições de Stalin¹⁴. Serguei Eiseinstein foi obrigado pelo próprio Stalin a suprimir inúmeras passagens do seu filme Outubro que será lançada no décimo aniversário da Revolução, em 1927. Hoje existem várias versões e nenhuma reproduz exatamente a versão primeira do próprio Eiseinstein. Em algumas delas, Trotsky foi completamente suprimido da história e não aparece como o grande líder das massas e o fundador do Exército Vermelho. Assim, os fatos do processo da tomada do poder de 1917 e aqueles que se

¹² PODTCHEKOLDIN, Aleksandr. *Origens dos privilégios dos Apparatchiks na URSS: os novos dados da investigação histórica*. In: NÓVOA, Jorge . *A história à deriva: um balanço de fim de século*. Salvador, UFBA, 1993. pp 64-73

¹³ BROUÉ, Pierre. *Le Parti Bolchevique. Histoire du P.C. de l'URSS*. Paris, Minuit, 1963. pp 80-82. Leia-se também: FERRO, Marc. *La révolution de 1917*. Paris, Albin Michel, 1997. pp 492-497 e SERGE, Victor. *O ano I da Revolução Russa*. São Paulo, Ensaio, 1993.

¹⁴ NOVA, Cristiane. *Revolução e contra-revolução na trajetória de Eisenstein*. In: [O Olho da História, v.1, n.1](#),

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

sucedem à morte de Lenin contestam a imagem de grande líder que se quis construir de Stalin. Ao mesmo tempo, a partir de então se procura elaborar o culto à personalidade transformando o tirano em pai dos pobres. A cinematografia e a historiografia são obrigadas a alimentar esta imagem religiosa. Mas o processo histórico, ele mesmo, se encarrega de mostrar a verdadeira face do estalinismo com a política de coletivização forçada das terras da URSS em consequência da qual, milhões de soviéticos pereceram impiedosamente. Um outro filme plenamente fidedigno - baseado nos relatos da filha de Stalin, Svetlana Illiluyeva¹⁵, mostra a violência de uma política que, a pretexto de socializar as terras do kulaks (camponeses ricos) deportava para a morte e executava generalizadamente e em massa, a milhões de camponeses pobres, os moujiks.

Tudo isso faz com que a leitura de Ferro sobre esse período adquira um olhar bastante crítico a ponto de identificar, não apenas os equívocos eventuais de leituras e representações desse passado, mas também suas manifestações inconscientes. Ele nos diz ainda sobre o filme *A vida num subsolo*:

*Esses lapsos de um artista, de uma ideologia, de uma sociedade constituem reveladores privilegiados. Eles podem se produzir em todos os níveis do filme, como nas suas relações com a sociedade. Detecta-los nas suas discordâncias e concordâncias com a ideologia, ajudam a descobrir o latente atrás do aparente, o não-visível através do visível. Existe aí material para uma outra história que não pretende constituir evidentemente um belo conjunto ordenado e racional, como História; tal material contribuiria, sobretudo, para afinar ou para destruir, esta História.*¹⁶

Uma leitura que envolva a apreensão do não-dito, dos silêncios, é o que Ferro denomina uma contra-análise da sociedade. Nenhuma pedagogia em sentido estrito ou amplo poderá se quiser ser consequente, fazer tábua rasa dessa possibilidade.

¹⁵ *Stalin*, filme de Ivan PASSER, com Robert Duvall no papel de Stalin, é um filme americano e húngaro de 1992, baseado nos relatos da filha do ditador. Foi a primeira vez que um cineasta americano filma no Kremlin

¹⁶ FERRO, *Cinema-Histoire*, op.cit. p.42

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

INTERPRETAÇÕES E LEITURAS DAS REPRESENTAÇÕES DA HISTÓRIA ALEMÃ

Kracauer irá se referir varias vezes a esse **fenômeno do latente** também, vez que é ele que constitui o verdadeiro objeto e problemática de *De Caligari a Hitler*. Procura responder a questões como, por exemplo, por que a população alemã, de um modo geral, adere a Hitler ou qual a origem do nacional-socialismo ou ainda, por que ocorreu uma perseguição sistemática ao judeu pobre, principalmente, e o porquê dos campos de concentração? Para respondê-las explica a tragédia alemã sob a égide de Hitler e do nacional-socialismo a partir do cinema expressionista da República de Weimar.

O conhecimento histórico deve dar conta da especificidade do desenvolvimento da Alemanha: seu atraso em relação às outras potências européias do ponto de vista da sua unidade interna enquanto Estado-nação. Não tinha um mercado interno estruturado, nem muitos ramos industriais, nem colônias para suprir suas carências em materiais primas e mercados consumidores. Distintamente de outras regiões da própria Europa, a Prússia, para se unificar com o resto da Alemanha, exigiu mais de um guia autoritário. Subjazia a ela um **complexo de inferioridade**. A revolução branca de Bismarck foi, de fato, uma revolução pelo alto. Através dos aparelhos de Estado, da burocracia, dos técnicos e de suas classes dominantes promulgou um **complexo de superioridade**, por meio de uma de suas camadas decisivas: os Junkers que, de bota e capacete, exalavam a arrogância e a força militar que faziam tremer a Europa a partir dos anos 1860¹⁷. De origem feudal, o Imperador outorgava a ela uma autoridade sem comum, vez que podia suspender todas as liberdades e garantias constitucionais para implantar uma ditadura militar. Os Junkers se achavam investidos de uma missão sagrada de salvaguardar o Estado. Esta aristocracia guerreira tinha como

¹⁷ BROUÉ, Pierre. *La Révolution em Allemagne*. Paris, Minuit, 1971. pp. 15, 16 e 17

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

bastião a Prússia e se constituía pessoalmente enfeudada ao Imperador. Detinham a maioria dos quadros superiores e depositavam uma fé na superioridade técnica, particularmente na estrutura hierárquica das forças armadas¹⁸. Broué chama a atenção para o fato de que os funcionários federais eram, em sua maioria, prussianos e detinham a mesma concepção de autoridade¹⁹.

N encruzilhada decisiva das convulsões de 1848 a Prússia conheceu um fracasso na revolução política deste ano célebre e não conseguiu a unificação senão em 1870. O espaço alemão contém no início do século XIX, 39 Estados diferentes que poderiam incluir a Áustria ainda que fosse por tratados comerciais. Em 1848, com a ameaça de uma revolução proletária que se esboça na extrema esquerda do movimento democrático, sem a confiança que a burguesia francesa demonstrou, as classes dominantes da Alemanha preferem a segurança de um Estado monárquico, a uma república democrática e liberal²⁰. Entre o liberalismo político e os lucros ficam com a segunda opção. Mauro²¹ chama a atenção para o fato de que em 1870 a Alemanha já havia alcançado largamente a França por razões que obedecem ao mesmo tempo à política (a personalidade de Bismarck) à mentalidade dinâmica dos homens de negócios e ao espírito industrial de seu povo. O ferro e o aço formam o carro-chefe da industrialização alemã, que ainda tem o carvão. Implanta, assim, uma indústria pesada que se alimenta dos investimentos, empréstimos e compras do próprio Estado e que vai se dirigir e se apoiar na indústria de armamentos e de meios de produção. Com Bismarck e com os Junkers poder-se-ia dizer que, em alguma medida, o “nazismo” antecedeu a Hitler.

Sob a pressuposição desse conhecimento histórico Kracauer irá observar o seguinte:

¹⁸ Idem, pp. 16 e 17

¹⁹ Ibidem, p. 17

²⁰ Idem, ibidem, p. 15

²¹ MAURO, Frédéric. *Histoire de l'économie mondiale 1790-1970*. Paris, Sirey, 1971. p. 56

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

O fato de a maioria dos historiadores negligenciarem o fator psicológico é demonstrado por surpreendentes lacunas em nosso conhecimento sobre a história alemã desde a Primeira Guerra Mundial até o triunfo de Hitler...E, contudo, as dimensões do acontecimento, do ambiente e da ideologia foram amplamente investigadas. Sabe-se que a “Revolução” de 1918 não chegou a revolucionar a Alemanha; que o então onipotente Partido Social Democrata se provou onipotente apenas para esmagar as forças revolucionárias, mas foi incapaz de liquidar o exército, a burocracia, os grandes proprietários rurais e as classes abastadas: que estes poderes tradicionais na realidade continuaram a governar a República de Weimar, que entrou em declínio depois de 1919. Sabe-se também quão duramente a jovem República foi pressionada pelas conseqüências políticas da derrota e pelas artimanhas dos principais industriais e financistas alemães, que alimentavam desenfreadamente a inflação, o que empobreceu a velha classe média. (...) após os cinco anos do Plano Dawes – aquela abençoada era de empréstimos externos tão vantajosos para as grandes empresas – a crise econômica mundial dissolveu a miragem de estabilidade, destruiu o que ainda restava da experiência e da democracia da classe média, e completou o desespero geral, ao adicionar o desemprego em massa. Foi nas ruínas do “sistema”, que nunca havia sido uma verdadeira estrutura, que o espírito nazista floresceu²².

Kracauer tem razão em acentuar a importância dos fatores psicológicos e de como eles aparecem como manifestação inconsciente nos filmes do expressionismo alemão. Vê na história um processo de síntese de múltiplas determinações que não se apresentam, necessariamente, de modo imediato. As críticas feitas ao estudo de Kracauer, sobretudo sua negligência com relação à dimensão estética dos filmes – ou de vê-los como reflexos imediatos da realidade, não parecem justas. A especificidade estética do expressionismo é incontestável. Mas suas condicionantes sócio-históricas também o são. Isto não nos permite de reduzir a importância do pioneirismo de Kracauer. As chaves que oferece para interpretar a ascensão do nazismo parecem não terem sido desmentidas, mais de quarenta anos após, pelas aquisições da história social e das mentalidades. Abre mesmo a via de uma

²² KRACAUER, op. cit., p 22

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

historiografia como a de Peter Gay e de seu célebre estudo sobre a República de Weimar, *Le suicide d'une republicue. Weimar 1918-1933*²³.

Os filmes que analisa são mais que chefs-d'oeuvre. *Caligari*, dirigido por Robert Weine em 1919, retratando um louco obcecado pelo poder em função do qual não economiza nenhuma intriga ou crime. Mas autoridade e tirania é que dão substância à narrativa. A contrapartida esperada por muitos, o tema da liberdade, é recalcada. É temida pela incapacidade de um povo e de suas classes, sobretudo das classes médias. Estas serão sempre o fiel da balança em todas as situações que exigem viver sem o poder da mão forte da ordem ditatorial. Kracauer, que o que aparece no outro pólo da tirania, é o caos através das multidões que desfilam atrás de fascinações nos parques de diversões, como se o medo do futuro exigisse fugas, catarses e hipnoses. Diz,

*Caligari é uma premonição muito específica, no sentido de que usa poder hipnótico para reforçar seu desejo sobre seu instrumento – uma técnica pressagiando, em conteúdo e propósito, a manipulação da alma que Hitler foi o primeiro a colocar em prática em escala gigantesca*²⁴.

Técnica, ciência, fascinação e estranhamento, colam assim, com uma força impressionante, nos elementos da conjuntura em causa.

*(...) um parque e suas liberdades em contraste às aspirações de Caligari revela o furacão de suas aspirações revolucionárias. Por mais que (...) sonhassem com a liberdade, aparentemente eram incapazes de imaginar seus contornos. Há alguma coisa de boêmio em sua concepção: parece o produto de um idealismo ingênuo em vez de verdadeira compreensão. Mas é preciso que se diga que o parque sem dúvida refletia as caóticas condições da Alemanha do pós-guerra*²⁵.

Numa Alemanha que havia dado um banho de sangue nos setores revolucionários operários liderados pelos espartaquistas de Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht - que foram

²³ TRAVERSO, op. cit., pp. 158 e 159

²⁴ KRACAUER, op.cit., p.89

²⁵ Ibidem, p. 90

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

assassinados pelas forças repressivas do Estado alemão com a total conivência da social-democracia alemã - os bandos para-militares começam a agir elegendo válvulas de escape e bodes-expiatórios. O **judeu pobre** comporá progressivamente os cenários de **expição**. Os recrutas dos bandos que depois engrossarão as legiões das polícias do exército hitlerista e de seu serviço secreto encontrar-se-ão em boa medida nos integrantes das *pègres* (ladrões, malfeitores, canalhas, populacho,) e em elementos oriundos da chamada pequena-burguesia e das classes médias.

O ESTRANHAMENTO EM LANG OU COMO O CINEMA CONTA A HISTÓRIA DO NAZISMO

Em 1926, Fritz Lang, lança um filme que se torna um clássico do expressionismo cinematográfico (embora como lembra Giovanni Alves, alguns autores não o considere assim como é o caso de Lotte Eisner no seu, *Tela demoníaca*²⁶) retomando alguns dos elementos icônicos da cultura alemã. A racionalidade científica, o amor às máquinas e à disciplina e ao mesmo tempo, o desejo de poder e riqueza, contrastam com o amor romântico entre o filho do industrial por uma pobretona protetora de crianças abandonadas. O dono do capital é também da grande devoradora de homens, a máquina M, o verdadeiro Moloch. Como sempre, aparece a figura do cientista louco e estranho. Ele foi capaz de dar forma humana, a uma tripla alienação do homem (a separação da natureza, a separação contraditória dos congêneres – trabalhadores x capitalistas, a máquina-homem) sob o capitalismo: um robô-mulher capaz de roubar a liderança dos trabalhadores ensandecidos que não sabem a origem de seus males e querem destruir as máquinas. De cordeiros obedientes à rebeldes contra o capital-máquina e seus capatazes e servidores superiores. É o caso do cientista louco, que é o único a quem o dono do mundo-capital presta alguma atenção e deixa falar, além dos capatazes. A criatura e seu criador multiplicam a

²⁶ ALVES, Giovanni. *Trabalho e cinema: o mundo do trabalho através do cinema*. Londrina, Práxis, 2006. p. 124

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

fragmentação esquizofrênica do capitalista, vez que a mulher-rôbo se transforma num fetiche para o cientista louco e para o industrial também na sua sandice por controlar tudo e por reproduzir ampliadamente tempo-capital-dinheiro. O tempo-espço de Metrópolis só faz sentido para o capital. Os outros perdem todo sentido submissos a um tempo sem tempo, monótono, que parece nada contar a não ser o avassalador caminhar para o nada, para a morte.

Os trabalhadores de Metrópolis nos fazem lembrar as descrições e as imagens de Marx dos dormitórios operários quando se referia às mudanças de turno dizendo que as camas nunca esfriavam. Eles andam para nenhum lugar. Na verdade, em Marx e em Lang, a classe trabalhadora é única como seu tempo monocórdico. Mas o dos capitalistas é igual, contando apenas o tempo necessário (e o desnecessário onde nasce o lucro) à reprodução da força de trabalho. Os turnos de Metrópolis contam apenas um tempo que só existe esquizofrenicamente, estranhamente, na cabeça do dono do capital que, aliás, não controla mais nada, nem a família, nem a ciência, nem os próprios trabalhadores, como se o feitiço tivesse virado contra o feiticeiro. O estranhamento do trabalhador em relação a sua obra é também a do capitalista que tem a ilusão de tudo controlar.

Em Metrópolis, a revolta do trabalho contra o capital, encontrará um desfecho social-democrata-cristão. O coração vence ao mesmo tempo o racionalismo científico das máquinas-capital e a brutalidade de mãos e pés que não sabiam para onde se dirigiam, apesar da aparente ordem capitalista em Metrópolis. Mais uma vez reaparece o caos e a liberdade, consubstanciada pela união entre o filho do burguês e a proletária que adere aos ideais açucarados de uma aliança que só é possível porque os trabalhadores acreditam e porque existe quem os façam acreditar, mesmo que a realidade histórica negue e renegue. O abortamento da revolta-revolução dos trabalhadores em Metrópolis pelo processo de congraçamento entre o capital e o trabalho, soa, apesar do roteiro, dos atores e do diretor, falso, tanto quanto foram falsas historicamente as saídas promovidas pela social-

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

democracia alemã. Aliás, Lang próximo de sua morte, admitiu totalmente a falsidade do final de *Metropólis*, dizendo que se achava fora de contexto.

Da ambigüidade do seu comportamento e das suas palavras últimas sobre o filme, pode-se imaginar, entretanto, que outra saída Lang poderia ter aspirado de modo mais realista. Kracauer disse que o filme parecia uma mistura de Krupp (fabricante de armas) com Wagner (que alimentou em sua época anti-semitismo), e que demonstrava ficcionalmente uma união conformista. Evocava também a submissão ao capital totalitário, aquela de Hitler, o Zé Ninguém. Por isso para ele o filme poderia ter sido assinado por Goebbels. Carlo Ginzburg assinalou que o filme de Lang se presta a duas interpretações ao mesmo tempo, uma nazista e outra social-democrata, lembra Traverso²⁷.

Se em *O Anjo Azul*, os jovens de classe média que espancam a Lola, a cantora de cabaré, lembram bem os bandos e o espírito das juventudes hitleristas, em outro filme, *O vampiro de Dusseldorf*, os ladrões dos submundos - que querem e julgam o Vampiro M, contam com uma outra ajuda: a do sindicato dos mendigos e ao menos por uma vez coincidem com os donos da lei no desejo de enquadrar o louco desvairado, possuído demoniacamente por pulsões infanticidas. As crianças inocentes não seriam a Alemanha que precisava de proteção forte? Nessa *pègre* ladrões e mendigos aludem ao lupenproletariado das cidades industriais que viviam, e vivem ainda hoje, de toda a espécie de tráfico, servindo ao capital e desejando-o. O sindicato dos ladrões concorre com o capital industrial, comercial e financeiro. Disputam, brigam e se escaramuçam, mas coincide com a submissão a ideologia da propriedade privada, da ordem do lucro e do fetichismo da mercadoria. E o próprio nacional-socialismo e seus recrutas. Eles todos desejam o fetichismo e desejam a mercadoria ardentemente! Na verdade, desejam mais o fetichismo. A mercadoria e mesmo o lucro realizado não é nada sem o fetichismo. E assim alimentam o fetichismo do fetichismo. E de vários modos se reconhecem nesse desejo!

²⁷ TRAVERSO, op.cit., p. 212

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Kracauer que parece não ter dúvida, na sua admiração por este filme, conta uma conversa que teve com o próprio Lang. Diz ele:

Fritz Lang contou-me que em 1930, antes de M - O Vampiro de Dusseldorf ser produzido, uma pequena notícia apareceu na imprensa, anunciando o título alternativo de seu novo filme, Morder unter uns (Um assassino entre nós). Logo recebeu inúmeras cartas ameaçadoras e, até pior, teve rudemente recusada a permissão para usar o estúdio de Staaken para fazer seu filme. “Mas por que esta incompreensível conspiração contra um filme sobre o infanticida de Dusseldorf, Kurten?” – perguntou desesperado ao gerente do estúdio. “Ah, bem,” disse o gerente, que suspirou aliviado e imediatamente entregou as chaves do Staaken. Lang entendeu; enquanto discutia com o homem, este levantou sua lapela e Lang vislumbrou a insígnia nazista no avesso da lapela. “Um assassino entre nós”: o Partido temia ser comprometido. Naquele dia, acrescentou Lang, ele nasceu politicamente²⁸.

Sem dúvida alguma, Hitler não era totalmente demagógico quando vociferava contra os capitalistas, especialmente do capital financeiro. Existia certa “honestidade” no seu discurso. Isto e o seu plágio à bandeira do socialismo angariam a adesão de muitos trabalhadores. Nem ele nem sua burocracia totalitária foram apenas simples instrumentos dos capitalistas. E era assim também que muitos integrantes das organizações hitleristas entendiam. E, de fato, em muitas ocasiões os capitalistas tiveram de se submeter aos ditames hitleristas. Por outro lado, é impossível compreender a ascensão do nacional-socialismo sem o interesse e a “ajuda” material, financeira e política do grande capital industrial e daquela *casta decisiva* que havia sido imprescindível a Bismarck (os decadentes Junkers) e à unificação pelo alto do Estado-nação alemão. Tudo isto semeia uma confusão muito grande politicamente falando. A confusão em certas micro-conjunturas chega ao paroxismo, como, por exemplo, em dezembro de 1932. Diz Wilhelm Reich, que quando os

nacional-socialistas alemães organizaram a greve dos transportes em Berlim em comum com os comunistas e os social-democratas, falava-se de “manobra” Em 1930, eu vi as tropas de assalto berlinenses desfilar. Por suas atitudes e suas expressões e cantos, eles pareciam como irmãos das divisões de combatente da Frente Vermelha comunista. Os

²⁸ Ibid., p. 285

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

*dirigentes do Partido Comunista declararam ser “contra-revolucionário” dizer que as tropas de assalto eram compostas por operários e empregados*²⁹.

Reich afirma que as medidas de Hitler que se queriam incontestavelmente “socializantes” desconcertavam os anti-fascistas. Eles não compreendiam como essas medidas eram tomadas e implementadas conjuntamente com o expansionismo imperialista alemão também incontestável. E mais: muitos anti-fascistas não compreendiam, muito menos ainda, as numerosas semelhanças que existiam entre a ideologia e a demagogia da União Soviética e aquela do nacional-socialismo³⁰. Isto tudo ajuda a explicar em parte a vitória de Hitler pelo voto, em 1933, quando o Partido Comunista, seguindo a orientação de Stalin faz uma frente única com o Partido Nacional-Socialista contra o Partido Social-Democrata acusado de ser mais à direita que os hitleristas. Reich constata ainda o seguinte:

O nacional-socialismo agrupou, muito rapidamente, nas SA, trabalhadores que tinham na maioria opiniões confusamente revolucionárias, mas que tinham ao mesmo tempo posições autoritárias; eram na maior parte desempregados e adolescentes sem experiência política. Por essa razão, a propaganda é contraditória, diferente conforme a camada da população a que se dirige. (...) É somente na manipulação da sensibilidade mística das massas que ela é coerente e unívoca.

Conversando com partidários do nacional-socialismo ou, sobretudo com SA, vemos que a apresentação em termos revolucionários do nacional-socialismo foi o fator decisivo da adesão das massas. Podiam ouvir-se nacional-socialistas negar que Hitler representasse o capital. Podiam ouvir-se SA proferir as mais graves ameaças a Hitler se ele viesse a trair a causa da revolução. Podiam ouvir-se SA a dizer que Hitler era o Lenine alemão. Aqueles que tinham passado da social-democracia e dos partidos liberais do centro para o nacional-socialismo eram massas em geral revolucionadas, antes apolíticas ou que tinham apenas consciência política confusa. Aqueles que abandonaram o Partido Comunista eram muitas vezes elementos de tendência revolucionária proletária que não conseguiam compreender muitas medidas políticas

²⁹ REICH, Wilhelm. *Les hommes et l'Etat*. Nice, Constantin Sinelnikoff, 1972. p. 123

³⁰ Idem, p. 123

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

*contraditórias do KPD, e por outro lado pessoas que se deixavam fascinar pelo aspecto exterior do partido de Hitler, pelo caráter militar, pelas demonstrações de força, etc.*³¹

A posição de Reich, é semelhante à de Fromm e à de Kracauer também, poderia ser resumida da seguinte maneira: **o êxito de Hitler não se deveu necessariamente, ou pelo menos, exclusivamente, à sua função reacionária no processo histórico do capitalismo no século XX, mas, sobretudo aos mecanismos psicológicos que existiam previamente em várias camadas da população alemã e que possibilitam sua sedução sobre as massas.** Não cabe subestimar esses mecanismos e sua ação eficaz. Cabe sim associá-lo a um feixe de determinações causais.

A análise de Marx sobre o papel de Luis Bonaparte e do 18 Brumário ajudam a esclarecer e a nuançar as teses de Reich, Fromm e de Kracauer. Os camponeses franceses votam massivamente em Luís Napoleão porque entendem que existe uma adequação entre a figura de Bonaparte e as necessidades econômicas e materiais, mas também psíquicas deles, pequenos proprietários parcelários de terra. Tinham uma elevada unidade de ação através de relações múltiplas, no caso, canalizada para as eleições. Mas somente a divisão entre as frações do capital (burguesia financeira e industrial) no plano dos interesses econômicos que se manifestou numa profunda dificuldade de entendimento no plano político-parlamentar explica a brecha política aberta pela conjuntura. Como consequência, não conseguiram em face à unidade camponesa e a setores explorados da população em geral. Luis Bonaparte pôde assim, controlar o Estado.

No caso da Alemanha dos anos 30 do século XX, Hitler vai expressar também um caráter bonapartista na sua via. As frações do capital estavam divididas e só se unificaram diante da impotência do seu reconhecimento ao hitlerismo. A social-democracia que já tinha aberto a barbárie em 1914 com o voto aos créditos de guerra, só reconhece como possível a defesa da pátria-mãe através de uma democracia-parlamentar. O Partido Comunista adotando a política de assimilar a social-democracia ao social-fascismo, não

³¹ REICH, Wilhelm. *Psicologia de massa do fascismo*. Porto, Escorpião, 1974. pp. 93 e 94

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

possibilita uma frente única operária e, desse modo, abre a via para Hitler. Este se elege com o objetivo de destruir o parlamentarismo, mas vendendo a idéia de que era o único em condições de atender os anseios das massas da população. Até então, a adesão popular não era de uma maioria absoluta, nem prático-organizativa.

A alienação foi para Marx um dos fenômenos centrais ligados ao fenômeno da inconsciência histórica que, por sua vez, não era senão uma outra forma de se designar a consciência oriunda da ideologia dominante que é aquela das classes dominantes de uma época. Marx aporta, conseqüentemente, ao fenômeno da inconsciência ou da consciência latente assinalada por Freud, Kracauer, Fromm e Ferro dentre outros, uma complexidade individual e histórico-social ainda maior e que não foi apropriada pelos historiadores, cientistas sociais, pedagogos e estudiosos da psicologia humana na história. Observando as diferenças na unidade existentes entre ideologia, consciência, inconsciência, interesses materiais e subjetivos, Marx nunca deixa de observar a unidade contraditória deles com a instância da política, em sentido lato e estrito.

Kracauer não observa com o mesmo rigor as relações da política com o resto da totalidade histórica, porém tem profunda convicção sobre a importância do inconsciente na história. Diz ele:

(...) esses fatores econômicos, sociais e políticos não são suficientes para explicar o tremendo impacto do hitlerismo e a inércia crônica de seus opositores. (...) analistas alemães se recusaram até o último momento a levar Hitler a sério, e mesmo após sua ascensão ao poder consideraram o novo regime uma aventura transitória. Tais opiniões indicam que havia pelo menos alguma coisa inexplicável na situação interna do país, alguma coisa que, no campo normal de visão, não se podia inferir das circunstâncias.

Apenas umas poucas análises da República de Weimar dão uma indicação dos mecanismos psicológicos existentes por trás da fraqueza inerente aos social-democratas, da conduta inadequada dos comunistas e das estranhas reações das massas alemãs³².

³² Ibid., pp. 22 e 23

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Em *O Vampiro o assassino*, que Peter Lorre representa de modo extraordinário, é o pequeno-burguês infantil que vai aos parques de diversões, come maçãs na rua, compra balões para as crianças e nunca seria suspeito de matar uma mosca. Parece mesmo afeminado e bobão. No filme, como na história concreta, ele é vítima de seu próprio destino ou de sua falta de destino, do qual quer escapar, mas não consegue. Sua aparência física infantil transluzia sua imaturidade psicológica. Sua estrutura psicológica é dependente e reflete sua estrutura social na história. No filme também o assassino não enxerga sentido na sua vida de pequeno funcionário.

A história se repete com uma “lei de ferro” ao nível de muitos indivíduos com a mesma origem. Eles são os *Zé Ninguém* de Wilhelm Reich³³. Ao se confrontar na prática com tal realidade, os acessos de raiva louca e irracional deságuam no sadismo destrutivo, e auto-destrutivo. Apenas forças externas muito potentes podem “domar” e canalizar para crimes passíveis de serem institucionalizados em grande escala. E desse modo, o círculo da totalidade histórica se instala: o homem (e sua estrutura psicológica que inclui seu inconsciente) + os homens (e suas estruturas psíquicas) + as estruturas sociais (de homens com determinadas funções sociais agindo de modo determinado) + uma conjuntura específica (como expressão “corrigida” dos conflitos e lutas das diversas estruturas – homens, classes sociais, camadas e setores de classes, categorias de setores, etc. - que constituem uma formação social determinada historicamente) + o homem tirano (sádico) + o homem servil (masoquista). O inconsciente deste homem se casa com a estrutura social perversa e o in/consciente sádico dos dominadores do estado-maior das classes dominantes numa determinada conjuntura. Segundo Eric Fromm, o caráter autoritário é o resultado da presença simultânea de pulsões sádicas e masoquistas, que expressam a incapacidade do indivíduo isolado se auto-sustentar necessitando de uma simbiose que o possibilite a superação da solidão.

³³ REICH, Wilhelm. *Escuta Zé Ninguém*. Lisboa, Dom Quixote, 1981.

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

O nazismo ressuscitou psicologicamente a classe média inferior, ao tempo que participava da demolição de sua antiga posição sócio-econômica. Ele mobilizou suas energias emocionais para convertê-las em uma força importante na luta pelas metas econômicas e políticas do imperialismo alemão³⁴.

Na conjuntura de então, estruturas importantes ruíram. A família, como o último bastião da classe média, se esmigalhou com o fim da Primeira Guerra. A Grande Guerra, e o Tratado de Versalhes irão pesar sobre os operários e camponeses em geral. Mas pesará de modo ressentido e desesperantemente sobre a classe média, especialmente aquela das suas camadas inferiores vez que, os pequenos proprietários encontravam-se agora em pior situação que os operários. A juventude, sem referências, nem limites, havia se tornado niilista e violenta. Mas se os camponeses se ressentiam das dívidas financeiras com os credores urbanos, os operários achavam-se desapontados e profundamente desencorajados pelo constante recuo político e traições da social-democracia.

Kracauer admite como hipótese válida o fato de que a democracia poderia ter sobrevivido, mas somente se valores democráticos estivessem profundamente implantados nas consciências de homens e mulheres daquele tempo e espaço. Chega também a fazer uso das observações de Eric Fromm para quem as tendências psicológicas dos trabalhadores alemães neutralizaram suas consciências políticas, o que precipitou o colapso dos partidos socialistas e dos sindicatos³⁵. O período que vai de 1870 a 1910, mais ou menos, foi um período de relativa prosperidade, mas não para o conjunto dos trabalhadores e sim para aqueles que detinham qualificações tecnológicas compatíveis com o desenvolvimento da indústria alemã. Os trabalhadores dos estratos não qualificados e mesmo a chamada classe média não parecem ter usufruído muito do boom econômico-industrial. Essa “classe média” inferior, tanto quanto aqueles setores dos desempregados e do chamado lupenproletariado, na conjuntura subsequente experimentarão contorções convulsivas altamente corrosivas. O

³⁴ FROMM, Eric. *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1983. p. 176

³⁵ *Ibid.*, p.23

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

próprio Kracauer enfatiza as aspirações a colarinhos brancos do conjunto desses setores sociais cuja verdadeira situação era semelhante ou inferior a dos operários não qualificados e vai formular a seguinte hipótese de investigação:

Apesar de essa camada da baixa classe média não poder mais aspirar à segurança burguesa, ela desprezou todas as doutrinas e ideais mais em harmonia com sua condição, mantendo atitudes que haviam perdido qualquer base na realidade. A consequência foi o desamparo mental: eles persistiram numa espécie de vácuo que posteriormente contribuiu para sua obstinação psicológica. A conduta da própria pequena burguesia foi particularmente impressionante. Pequenos comerciantes, homens de negócios e artesãos estavam tão cheios de ressentimentos que recuaram, ajustando-se. Em vez de perceberem que poderia ser do seu interesse prático ficar ao lado da democracia, preferiram, como os empregados, ouvir as promessas nazistas. Preferiram se render a eles baseados em fixações emocionais, ao invés de enfrentarem os fatos.

Assim, por trás da história explícita das mudanças econômicas, exigências sociais e maquinações políticas, existe uma história secreta envolvendo dispositivos internos do povo alemão. A revelação destes dispositivos através do cinema alemão pode ajudar a compreender a ascensão e a ascensão de Hitler³⁶.

A questão que levantamos acentuava a determinação da política numa totalidade concreta dada. É claro que se torna visível um conflito importante na consciência dos agentes desses setores sociais. As determinações oriundas dos seus interesses materiais imediatos nem sempre coincidem com aquelas oriundas do inconsciente emocional. Mas ao nível da própria consciência o conflito se manifesta entre **o desgaste de suas condições econômico-sociais objetivas**, a memória de um “passado glorioso” e aquilo que poderiam aspirar para o futuro: **o retorno a um “passado glorioso”** ou uma **coerência com a sua consciência política**. Note-se bem que o “retorno a um passado glorioso” projetado como futuro é também uma opção política. Ao nível das experiências históricas, as chamadas classes médias concentram os extratos mais oportunistas politicamente falando. Só adotam posições progressistas ou revolucionárias quando percebem que não resta outra opção. Que o autoritarismo psicológico do povo alemão fruto das especificidades de sua formação histórica tenha pesado negativamente na Alemanha dos anos 20 e 30 do século passado

³⁶ Ibid., p. 23

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

explique a ascensão hitlerista, parece ser fato incontestável. Entretanto, a adesão da classe média foi fruto de uma adesão “oportunista” e circunstancial e não de convicções políticas ou ideológicas profundas. Mas é também verdade que o inconsciente social-histórico dessa camada teve sua importância.

Desse modo, precisamos proceder a uma síntese das abordagens e ensiná-la, não apenas para essa experiência. Sem dúvida que o sentido pedagógico dessa empreitada não é contemplativo. Ela detém uma ética transformativa. A ciência histórica tem uma função positiva nesse processo que não é de elaborar receitas nem regras. Como dizia Rosa Luxemburgo no seu *A crise da social-democracia*, não existe outro mestre que a experiência histórica. O seu mal ou bom conhecimento é um fator importante para o resultado das lutas sociais de seus agentes. Mas a sua dissolução produtivamente útil só pode ser obra de uma crítica científica e prática realizada pelo trabalho que, embora submerso pela ideologia dominante no capitalismo, tem através do patrimônio de suas lutas teóricas e práticas uma gigante e poderosa ferramenta. As representações do cinema e da própria historiografia sobre os processos históricos e factuais não são sempre fidedignas, nem verossímeis. Muitas vezes é pura manipulação com fins ideológicos e políticos claros. Mas outras vezes é muito mais profundo e verdadeiro o seu olhar. Tal constatação tem a vantagem de “retirar” um suposto monopólio do saber histórico das mãos dos historiadores que nem sempre merecem esse título. Em certos momentos a consciência histórica crítica só sobrevive à margem das “instituições” encarregadas de “produzir” o conhecimento histórico. É necessário ao historiador se debruçar sobre as representações da história elaboradas através de formas não convencionais de discursos e narrativas, como foram as promovidas pela cinematografia ao longo do século XX. Como vimos o cinema tem sido um extraordinário veículo de difusão de consciência histórica, falsa ou verdadeira, o mais completo discurso de representação da história. Tem sido o maior laboratório da construção, difusão, documentação da própria história. O fundamental da consciência

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

histórica que se detém hoje no mundo é oriundo do discurso fílmico como visão e escrita particular da história e daquelas mídias que lhe foram derivadas na utilização das imagens.

Assim sendo, o historiador está convocado a ser também um “novo” pedagogo capaz da utilização do cinema e das novas tecnologias que o crescimento capitalista colocou à sua disposição. Evidentemente, não se coloca aqui a necessidade de subordinação, nem às imagens, nem às tecnologias modernas. Ao contrário, trata-se de partir da realidade de suas existências e disseminações avassaladoras e de encontrar formas adequadas de utilizá-las a favor dos trabalhadores. Portanto, o casamento do cinema com a história não poderia ter função pedagógica em sentido amplo, mais também em sentido estrito, mais socialmente útil. Se para o cinema é necessário considerar suas relações à massa da população em geral, para a história, mesmo estando ela hoje restrita ainda a círculo de interessados, seu objetivo maior é dotar as formações sociais de consciência histórica crítica. A emancipação dos trabalhadores será obra dos trabalhadores mesmos. Contudo não de condições puras de cultura e tecnologias. Suas condições são historicamente determinadas pelo mundo decadente da exploração do trabalho social e pelo mundo do fetichismo das mercadorias. Se a história enquanto conhecimento se difundiu de modo considerável graças particularmente às novas mídias e ao cinema, mais motivos têm trabalhadores, educadores, e militantes sociais para buscar utilizar esse patrimônio contraditório de modo humanista. Nele, a primeira arma que dispõe o trabalho é a crítica totalizante da história total. A condição da emancipação do trabalho é a luta, mas sabendo contra o que, contra quem, e o modo de empreendê-la. Se os trabalhadores são um produto do meio social e de uma educação determinada, como disse Marx na *Miséria da Filosofia*, os homens emancipados serão obra de uma educação emancipada por eles mesmos no processo dessa mesma emancipação.